



20 anos do Piscinão de Ramos

O Parque Ambiental da Praia de Ramos Carlos de Oliveira Dicro, um ícone do subúrbio carioca e o cartão-postal da Maré, faz 20 anos e ganha o mundo como cenário do clipe da Anitta. **PÁGINAS 8 E 9**

Iniciativas distribuem absorventes para mulheres de baixa renda e em presídios

PÁGINA 2

O papel vital das vacinas para conter epidemias

PÁGINA 4

O direito de brincar na Maré e a importância da manutenção dos espaços de lazer

PÁGINAS 6 E 7

ARQUIVO PESSOAL



Literatura mareense

Na Maré, escritores mostram a força do território ao traduzir suas vivências em livros mas, apesar dos avanços, eles ainda lutam para superar dificuldades, como problemas financeiros e a falta de espaço no mercado literário.

PÁGINAS 12 E 13

Ativismo LGBTQIA+

Mesmo a passos lentos, o movimento cultural LGBTQIA+ mareense vem quebrando barreiras na busca da transformação da Maré em um território livre de preconceitos.

PÁGINAS 14 E 15

MATHEUS AFFONSO



EDITORIAL

Mais uma edição que chegará impressa nas casas dos mareenses. Mesmo com a pandemia e números ainda altos, acreditamos que a informação crítica e de qualidade é estratégica neste momento. É por isso que, com todos os cuidados, vamos distribuir nossos exemplares pelas ruas da Maré.

Este mês, destacamos a importância das áreas de lazer e do direito de brincar nas favelas e periferias. Aqui na Maré, muitos parquinhos estão abandonados (expondo as crianças ao risco de se machucarem em balanços e escorregas sem manutenção), ou sendo cuidados pelos próprios moradores. Apesar de a Constituição Cidadã de 1988 assegurar o direito ao lazer para todos os cidadãos brasileiros, na prática não é isso que acontece. Não é difícil encontrar balanços sem as cadeirinhas, escorregas no quais faltam os degraus e gangorras com madeiras quebradas. São brinquedos que ficam ao relento, expostos a sol e chuva e, por isso, precisam de manutenção constante, algo que não ocorre. São muitas promessas mas, infelizmente, poucas são cumpridas.

Uma que se concretizou foi a construção do Piscinão de Ramos, depois da manifestação de moradores pedindo a despoluição da Baía de Guanabara, em 2001. Muita gente alega que a praia artificial foi feita para servir de palanque eleitoral na campanha do então governador Anthony Garotinho. Fato é que nosso cartão-postal faz 20 anos, e seu presente foi ser a locação para o clipe da música *Girl from Rio*, da cantora Anitta – é a Praia de Ramos sendo apresentada ao mundo. A música está no topo das paradas nos Estados Unidos, e já fez aumentar o número de turistas no Piscinão. Apesar de a Arena não estar mais de pé, o Piscinão continua sendo palco de sucesso.

E tem estreia por aqui. A Amanda Pinheiro, jornalista nascida na Rocinha, é a nova repórter do Maré de Notícias, e em sua primeira reportagem trata de um tema delicado: a pobreza menstrual. A reportagem mostra iniciativas que buscam doar absorventes para mulheres encarceradas e também aquelas de baixa renda. Uma realidade pouco exposta ao público.

Outra matéria imperdível fala da literatura da Maré. Temos muitos autores mareenses que, em seus escritos, revelam o cotidiano dos territórios sob uma óptica sensível e rica que somente um olhar periférico pode traduzir.

O MARÉ DE NOTÍCIAS TAMBÉM É SEU!

Fale com a gente!

 (21) 97271-9410

CHARGE - NANDO MOTTA



HUMOR

Um clima romântico no ar

Numa casa do Parque União o jovem fala para a namorada:
 Você parece uma gatinha.
 Ela retribui: Você parece um ursinho.
 Uma criança escuta e fala:
 Já o meu pai só é animal quando dorme.
 E completa: Ele ronca como um porco!

É lei

Um advogado no leito da morte pede um livro.
 Uma menina chega com uma Constituição.
 Ele começa a ler e todos ficam admirados.
 Nem na hora mais difícil o advogado abandona a sabedoria.
 Num momento ele grita: Nada disso, estou procurando uma brecha na lei.

**ENVIE SUA POESIA,
FOTO, RECEITA
OU PIADA. ESTE
ESPAÇO É SEU!**
contato@maredenoticias.com.br

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

PARCERIA:

actionaid

**MARÉ
DE NOTÍCIAS**

R. Sargento Silva Nunes, 1012
 Nova Holanda - Maré
 Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
 www.mareonline.com.br
 maredenoticias@gmail.com
 contato@maredenoticias.com.br

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
 Campanha Climão
 Casa Preta da Maré
 Centro de Artes da Maré
 Espaço Normal

EDITORA EXECUTIVA E
 JORNALISTA RESPONSÁVEL
 Daniele Moura
 (Mtb 24422/RJ)

EDITOR
 Edu Carvalho
 Tamyres Matos

COORDENADORES DE
 DISTRIBUIÇÃO:
 Arthur Viana

Henrique Gomes
 Luiz Felipe de Oliveira
 Bacelar

DISTRIBUIDORES:
 Andrews de Andrade
 Faustino
 Antônia Valéria Lins e Silva
 Cristiane dos Santos
 Jonathan Ribeiro Da Cruz
 Larissa Oliveira
 Lucas Frederico Brandão
 Leonardo da Silva
 Marcela Ferreira Silva Gomes
 Marcelo Sergio Silva Braz
 Thuany Vieira Nascimento
 Valdemir Gomes da Cunha
 Júnior
 Yasmim Emmanuel Duarte

COLABORARAM NESTA
 EDIÇÃO

Amanda Pinheiro
 Data_Labe
 Edu Carvalho
 Hélio Euclides
 (Mtb 29919/RJ)

FOTOGRAFIA

Douglas Lopes
 Matheus Affonso

REVISÃO

Julia Marinho

PROJETO GRÁFICO

Mórula_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO

Filipe Almeida

IMPRESSÃO

Parque gráfico da Infoglobo

TIRAGEM

50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO
 REPRESENTAM A OPINIÃO
 DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO
 DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA
 A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O Maré de Notícias é entregue de porta em porta nos 47 mil domicílios das 16 favelas da Maré. Se por acaso não chegar na sua casa, avise-nos pelo WhatsApp (21) 97271-9410, via redes sociais (@maredenoticias) ou ainda pelo email contato@maredenoticias.com.br e confira se na associação de moradores de sua favela não tem um exemplar para você. Ajude-nos a melhorar nossa distribuição! Contamos com todos os mareenses!

Pobreza menstrual: falta de acesso a absorventes

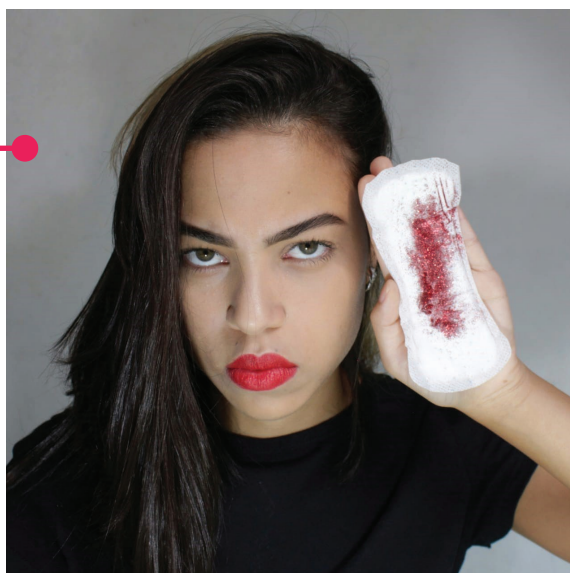
Iniciativas distribuem kits para mulheres de baixa renda e em presídios

AMANDA PINHEIRO

Após ouvir histórias de sua avó e sua mãe sobre constrangimentos e falta de acesso aos materiais básicos de higiene menstrual, **Nívia Chavier**, de 18 anos, moradora da Maré, se interessou em entender mais sobre pobreza menstrual. O termo se refere à falta de acesso que muitas mulheres têm ao que é considerado básico para passar pelo período menstrual.

Há um ano, Nívia conheceu o coletivo Girl Up Elza Soares, um movimento criado pela Fundação das Nações Unidas que estimula jovens lideranças femininas. Desde então, a jovem luta pelas mulheres que não possuem condições de comprar absorventes descartáveis e, por isso, utilizam papel higiênico, plástico, pano e até mesmo miolo de pão.

Segundo a pesquisa do movimento Livre para Menstruar, lançada em março de 2020 pelo Girl Up Brasil, uma brasileira gasta entre R\$ 3 mil e R\$ 8 mil com absorventes ao longo de sua vida menstrual. Para Nívia, já que não existe uma política pública que determine a distribuição de absorventes por entidades de governo, poder fazer parte desse projeto é uma realização também pessoal. “É muito enriquecedor saber que estou fazendo algo em prol de outras pessoas. Minha avó e minha mãe contam histórias de vergonha e constrangimento por não terem acesso



ACERVO PESSOAL

a absorvente descartável e precisarem usar panos. Uma vez, uma delas estava andando de bicicleta com vestido, pano e a calcinha, até que o pano caiu da bicicleta. Então só de pensar nisso, nessa situação, já é muito triste. É uma pauta relevante e que precisa ser valorizada”, afirmou.

Desde o início da pandemia, o grupo tem realizado as ações de forma virtual, mobilizando-se em uma campanha para a criação de uma lei que atenda essas mulheres. Nívia também é treinada pelo projeto *NOSSAS*, que atua pela democracia através de ações sociais e campanhas. “Ainda não participei de nenhuma distribuição física, mas faço parte do grupo de trabalho da campanha e, no momento, estamos mapeando ONGs para entender sobre o tema e fazer parcerias para outras necessidades. Por enquanto, a gente tem realizado as ações de forma remota, e estamos com uma rifa solidária no valor de R\$ 5; o dinheiro arrecadado vai ser usado para a compra de leite integral para um orfanato chamado Santa Rita de Cássia”, conclui a jovem moradora da favela Rubens Vaz.



Educação menstrual

De acordo com a Secretaria de Estado de Administração Penitenciária (Seap-RJ), em dezembro de 2019 1.794 mulheres viviam sob privação de liberdade – um número que cresceu mais de 52% em dez anos. Pensando nesta população, a estudante **Giullia Jaques**, de 19 anos, criou o projeto *Absorvidas* que, além de distribuir bioabsorventes, leva educação menstrual às detentas.


Nascida e criada em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, a jovem conta que, em 2019, durante um curso ministrado pela Academia de Liderança da América Latina (entidade que seleciona jovens de toda a América Latina para um programa de liderança e aprendizagem) em Lima, no Peru, teve a ideia do projeto depois de ser perguntada se tinha um banheiro e uma privada em casa. “A empresa que levantou essa questão desenvolvia um trabalho que instalava privadas e construía banheiros em comunidades de Lima. Foi então que eu fiz uma lista de coisas às quais tenho acesso e que, por serem tão simples, muitas pessoas não têm. E percebi que absorvente era um desses itens”, contou.

Desde aquele ano, Giullia distribuiu bioabsorventes em penitenciárias do estado do Rio através do projeto criado por ela. Ano passado, a iniciativa arrecadou R\$ 30 mil para comprar dois mil produtos, o suficiente, porém, para atender apenas 25% da população carcerária feminina. Agora, por conta da pandemia e da vacinação lenta, o projeto não tem feito as entregas, mas está se organizando para voltar com as atividades. “No momento em que a população carcerária é privada de liberdade, ela também o é de direitos humanos básicos. Estamos de mãos atadas neste momento, principalmente porque também queremos falar sobre educação menstrual com essas mulheres. Mas precisamos esperar a vacinação avançar e a pandemia se amenizar”, lamenta.


Para seguir no Instagram:

-  @girlplezasoes
-  @fluxosdorio

Para doar:

- Campanha “É urgente ou pode esperar?”
Acesse o site:
 <https://www.rj.livreparamenstruar.org>

Coletivo Girl Up Elza Soares

- Envie sua mensagem pelo email:
 girlupelzasoes@gmail.com



ACERVO PESSOAL

Movimento Girl Up Brasil em distribuição do kit menstrual

A importância da vacina

Imunização em massa é a única forma de conter doenças



DOUGLAS LOPES

Vacinação da Maré avança: mais de 36 mil pessoas receberam a primeira dose da vacina

EDU CARVALHO

Não há quem não tenha um cartão de vacinação para chamar de seu. Seja a senhorinha mais idosa ou o recém-nascido ainda na maternidade, as trajetórias se encontram em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), os conhecidos postos de saúde.

Imunizar-se é um hábito individual que preserva a vida e coletivo que protege toda uma nação. É do naturalista e médico franco-inglês **Edward Jenner** a descoberta da primeira vacina, em 1749. À época, uma das doenças mais temidas do planeta era a varíola, que matava cerca de 400 mil pessoas por ano. No Brasil, o médico e sanitarista **Oswaldo Cruz** se destacou por seu trabalho no Rio de Janeiro no combate à varíola que dizimava a população da cidade – muitos, porém, se recusaram a tomar a vacina. Houve muita tensão e medo, o que originou a chamada **Revolta da Vacina**, em 1904.

O sanitarista brasileiro dá nome a uma instituição, vizinha da nossa Maré: a Fundação Oswaldo Cruz (ou Fiocruz) que é uma das entidades mais renomadas e conhecidas mundialmente por seu trabalho de pesqui-

sa e produção de remédios e vacinas por meio do seu Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos). Essa não é a única instituição produtora de imunizantes no país; outra organização também famosa é o Instituto Butantan, com sede em São Paulo. Quase desconhecida, completa o trio de produtores de vacinas a Fundação Ezequiel Dias, em Minas Gerais.

Quais são as vacinas que o Brasil aplica?

O Brasil disponibiliza gratuitamente, através do Programa Nacional de Imunizações (PNI), vacinas contra sarampo, tuberculose, tétano, difteria, coqueluche, hepatite B, meningite, febre amarela, tuberculose, rubéola, poliomielite e caxumba, entre outras.

Desde o início de 2021, com a chegada das vacinas contra a covid-19, as bases do PNI foram usadas para dar início à imunização dos brasileiros. A distribuição das vacinas contra a covid-19 aos estados ocorre semanalmente, de acordo com as entregas dos laboratórios contratados. “O processo de distribuição das vacinas con-

tra a covid-19 é como o de qualquer outro imunizante. O grande diferencial é que, nesse caso, distribuimos as doses de acordo com as entregas dos produtores e a necessidade de estados e municípios, dentro da lógica dos grupos prioritários, que possuem maior risco ou maior exposição ao vírus”, explicou o secretário de Vigilância Sanitária **Arnaldo Medeiros**, responsável pelo programa dentro do Ministério da Saúde, ao Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS).

O Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 (PNO) é o documento orientador desse processo. Nele, há a descrição das vacinas usadas no momento, orientações sobre a aplicação das doses e as estratégias para se atingir o público-alvo da campanha.

Até o momento, mais de 105 milhões de doses de vacinas contra a covid-19 foram distribuídas pelo Ministério da Saúde para as 27 unidades federativas. São mais de 600 milhões de doses contratadas para garantir a imunização de mais de 160 milhões de pessoas maiores de 18 anos até o fim de 2021.

As vacinas contra o coronavírus Pfizer-Biontech e a Astrazeneca foram incorporadas o Programa Nacional de Imunização (PNI) e agora fazem parte do rol de medicamentos do SUS e, se necessário o reforço da imunização contra a covid-19, também do calendário de vacinação anual.

Por que devo me vacinar?

Quem não se vacina arisca tanto a própria saúde como a de familiares e pessoas em seu entorno, além de contribuir para aumentar a circulação de doenças e fazer ressurgir aquelas que já foram erradicadas, como a poliomielite. Por conta da recusa de grupos de pessoas em se vacinar, o sarampo voltou a circular, dois anos depois de ser considerado erradicado do país.

Pessoas vacinadas impedem os vírus de se propagarem, protegendo aqueles que não podem ser imunizados, como bebês de até um ano, quem tem doenças como lúpus ou aqueles alérgicos a componentes das vacinas.

É importante acompanhar os calendários de vacinação disponibilizados pelo Ministério da Saúde através das secretarias estaduais e municipais. Quando for a sua vez, não deixe de se vacinar. Só assim será possível deter o avanço do novo coronavírus.



DOUGLAS LOPES

Veja nos postos da Maré as vacinas disponíveis

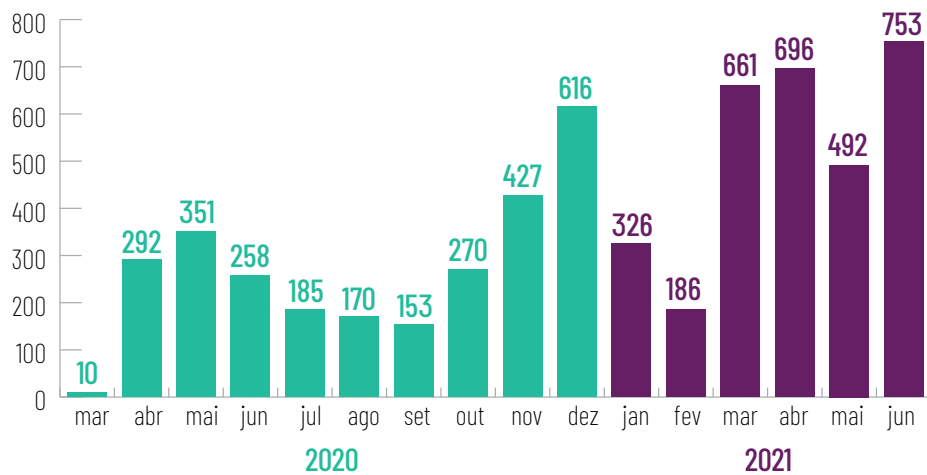
CONHEÇA AS VACINAS DO PROGRAMA NACIONAL DE IMUNIZAÇÃO:

Crianças: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/junho/09/calendario-de-vacinacao-2020_crianca.pdf

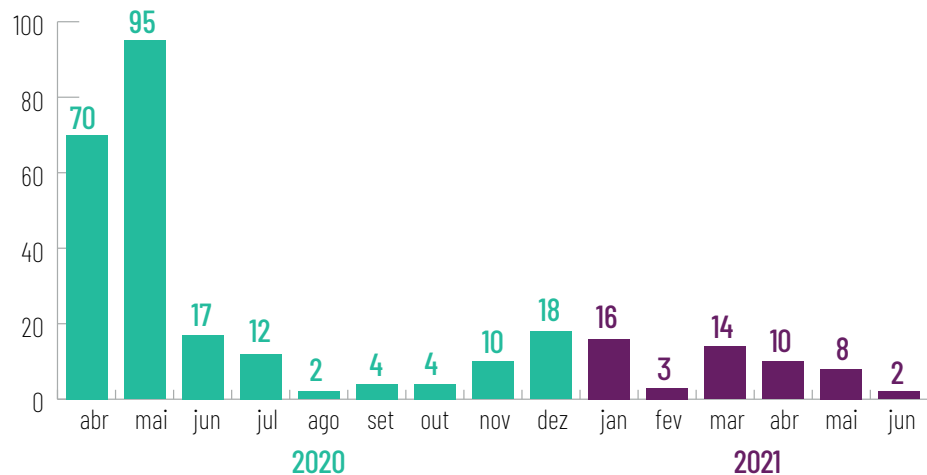
Adolescentes: https://www.gov.br/saude/pt-br/media/pdf/2021/junho/09/calendario-de-vacinacao-2020_adolescente.pdf

No site da Sociedade Brasileira de Imunizações você encontrará o calendário para todas as idades: <https://sbim.org.br/calendarios-de-vacinacao>

EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE NOVOS CASOS POR COVID-19 NA MARÉ - POR MÊS



EVOLUÇÃO DO NÚMERO DE ÓBITOS POR COVID-19 NA MARÉ - POR MÊS



Fonte: Painel Rio Covid-19 - por data de notificação

NÚMEROS TOTAIS NA MARÉ ATÉ 28/6 **5.846** casos **286** óbitos

VACINAÇÃO (ATUALIZADO ATÉ 28/6)

Pessoas vacinadas com a primeira dose no Rio de Janeiro (Capital):

2.886.523



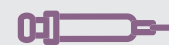
Segunda dose:

977.143

(15% da população)

Área de planejamento 3.1 (inclui a Maré)

Primeira dose:	Segunda dose:	Dose Única:
348.602	117.517	2.872



VACINAÇÃO NA MARÉ

Primeira dose - 36.789 pessoas

(26,2% da população)

Segunda dose - 8.900 pessoas

(6,3% da população)

Dose única - 717 pessoas

(0,5% da população)

TELEMEDICINA SAS BRASIL - MARÉ

Os atendimentos do SAS na Maré iniciaram em 3/7. Desta data até 28/6 foram atendidos 1.557 casos com suspeita ou confirmação de Covid-19. Atualmente, 8 casos ativos de Covid-19 estão em acompanhamento.

 ATENDIMENTOS MÉDICOS **4.380**

 ATENDIMENTOS PSICOLÓGICOS **1.842**

 CASOS COM SUSPEITA OU CONFIRMAÇÃO DE COVID-19 **1.557**

 CASOS ATIVOS EM ACOMPANHAMENTO **8**

PROGRAMA ISOLAMENTO SEGURO - SAS BRASIL + REDES DA MARÉ

Desde o seu início, em setembro de 2020, até o dia 27/6/21

968 Casos confirmados ou suspeitos de Covid-19 inseridos no programa

40 Casos em acompanhamento ativos

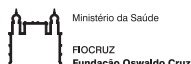
882 Kits de EPI entregues

820 Kits de Limpeza entregues

9.992 kits refeição entregues

294 famílias receberam kits refeição (2 quinzenas + 1 lanche)

Realização



Apoio



“A gente quer comida, diversão e lazer”

Campos de futebol, praças e parquinhos sofrem com falta de manutenção na Maré

HÉLIO EUCLIDES

A Constituição Cidadã de 1988, em seu artigo 6º, assegura o direito ao lazer para todos os cidadãos brasileiros, enquanto o artigo 217º menciona que o poder público incentivará o lazer como forma de promoção social. Porém, andando por praças nas favelas, é comum ver balanços sem as cadeirinhas, escorregas sem degraus e gangorras com madeiras quebradas. São brinquedos que ficam ao relento, expostos ao sol e à chuva e, por isso, precisam de manutenção constante – algo que não ocorre em todas as áreas da cidade.

Dandaiana de Freitas mora em frente ao parquinho da ciclovia do Conjuntos Pinheiros, na Maré, alvo de promessas de uma grande obra de recuperação. É nessa pracinha que ela leva sua filha de quatro anos para brincar. “Pena que está abandonada. A última vez que o lugar recebeu brinquedos novos foi há mais de quatro anos. Desde então, há bastante lixo espalhado, brinquedos quebrados, lâmpadas queimadas e muitos espaços inutilizados”, desabafa.

Ela e o marido botaram a mão na massa para melhorar as condições do parquinho. Onde não tinha mais balanço, utilizaram cordas novas e pneu para fazer um novo. “É um ambiente muito bom para as crianças brincarem porque é espaçoso e fechado. Mas a Prefeitura não manda nem limpar. Na minha opinião, é preciso reconstruir mesmo. Dá para colocar mais brinquedos e fazer uma jardinagem. Tudo bem elaborado”, conta. Dandaiana e outros frequentadores varrem o lugar para diminuir a quantidade de folhas e de lixo.

Apesar da degradação, o ambiente reúne famílias e acabou virando um lugar onde as mães se encontram e se tornam amigas. Dandaia-

MATHEUS AFFONSO



Uma das praças abandonadas pelo poder público na Maré fica na Vila dos Pinheiros; em vez de crianças, lixo

na conheceu no local **Gracinete Souza**, moradora da Vila do João, que também tem uma filha de quatro anos. A pequena brinca no espaço desde quando tinha seis meses de vida. “Todas as crianças adoram o parquinho, porque é um bom espaço, dá para correr e aprender a andar de bicicleta, skate e patinete. Hoje o que vejo é balanço, gangorra e escorrega quebrados. Nossas crianças merecem uma praça decente, com mais brinquedos”, reivindica.

Outra coisa de que Gracinete reclama é a presença de lixo. Ela cortou o dedo em um dos mutirões de limpeza do espaço. “Nunca vi uma boa limpeza. Deveria ter lixeiras no local. Em meio a pandemia, eu e mais duas mães varremos a área. O grande perigo é que tem muitas garrafas quebradas. Nós precisamos de uma área de lazer limpa para os pequenos poderem curtir a infância”.

Há 23 anos, a Escolinha do Mário funciona no campo de futebol localizado na ciclovia do Conjunto Pinheiros. São 250 crianças, de cinco a 12 anos, que se encontram nas tardes das terças e quintas e nas

manhãs de sábados para aprenderem futebol. “Eu colocaria o dobro de crianças se o campo estivesse melhor. É preciso reformar alambrado, baliza, além de melhorar a coleta de lixo e a limpeza do valão, para diminuir o cheiro ruim. No campo de barro colocamos areia nos buracos para amenizar os desníveis”, denuncia **Mário Alves**, professor e treinador de futebol.

Favelas diferentes, problemas semelhantes

Do outro lado da Maré, em Marçílio Dias, os dois parquinhos da favela estão com brinquedos quebrados. As áreas precisam ser revitalizadas, tanto na praça da entrada da comunidade quanto na que fica próximo ao campo de futebol, que está com o alambrado caindo. **Adriane Gerônimo**, moradora de Marçílio Dias, tem uma filha que utiliza os brinquedos das praças na favela. Para ela, as pracinhas seriam melhores se a Prefeitura fizesse sempre manutenção e os moradores conservassem o espaço.

Muitos moradores têm no futebol a única atividade de lazer na favela. E é no campo onde estão muitos



MATHEUS AFFONSO

A situação precária dos balanços que ficam amarrados para não machucarem as crianças

dos problemas de manutenção, como os postes dos refletores, que estão rachados e com ferros expostos, podendo causar acidentes sérios. “Faz oito anos que foram colocados, sem reforma. O alambrado eu fiz remendo, mas já não adianta, a ferrugem tomou conta”, revela **José Carlos**, responsável pela administração do campo de futebol local. Para amenizar a situação, ele construiu os vestiários sem a ajuda dos órgãos competentes. Mesmo com todo o esforço, quando chove fica impossível jogar, pois falta o nivelamento e não há drenagem adequada.

Preservar e ampliar o lazer no território

Carlos Alberto, mais conhecido como Carlinhos, gerente executivo local da 30ª Região Administrativa, avalia que há poucas áreas de lazer na Maré. “Falta balanço, gangorra, escorrega, pois lazer não é só campo de futebol. Como pode em Rubens Vaz não ter uma praça, ou no Parque União ter apenas um pequeno espaço de lazer? A Maré precisa também de mais academia para uso dos idosos.”

Entre campos de futebol, quadras, praças e parquinhos, são 41 equipamentos de lazer na

Maré. “Seja na Zona Sul ou aqui na Maré, as áreas de lazer se deterioraram, mas não se pode dizer que o povo destrói: é o uso. O problema é que lá se reforma de um dia para o outro e aqui, não”, conclui. O gerente deve buscar parcerias com instituições e associações de moradores para achar soluções, como aconteceu em Bento Ribeiro Dantas. O local, que era ponto de descarte de lixo, se transformou em uma pracinha com brinquedos por meio de uma parceria com uma empresa de contêineres. Isso pode acontecer na revitalização do Parque Ecológico, obra que Carlinhos afirma ser prioridade.

Lazer como direito

Segundo a **Companhia Municipal de Limpeza Urbana** (Comlurb), há sempre planejamento e execução de serviços de revitalização e reparo em brinquedos e mobiliário urbano nas praças e espaços de lazer da cidade. Em relação especificamente à Maré, este ano a

companhia fez a revitalização na Praça da Rua Sargento Silva Nunes, na Nova Holanda, no campo de futebol que fica na Rua Celso de Maia Fonseca, no Conjunto Esperança, e no campo de futebol localizado na Via B-Nove, na Vila dos Pinheiros. Pelo cronograma, acontecerão algumas intervenções da Comlurb em outros espaços de lazer na Maré, mas não foi divulgado o prazo para que isso aconteça. A empresa também ressalta que os garis comunitários realizam regularmente a limpeza em todas as praças da região.

A **Secretaria Municipal de Esportes e Lazer** esclareceu que não tem o mapeamento dos equipamentos esportivos da Maré, mas garantiu saber que existem diversos projetos em muitas das comunidades da Maré. A **Secretaria Municipal de Urbanismo e Cartografia do Instituto Pereira Passos** informou não ter um mapeamento específico sobre os equipamentos de lazer da Maré.

A **Secretaria Especial da Juventude Carioca** (JUVRio) declarou que mantém projetos como o *Favela Inova*, o *Fala Juventude* e o curso "Promover para Prevenir"; além disso, deve divulgar em breve um novo programa. A **Secretaria Municipal de Cultura** informou que há mais de R\$ 54 milhões no orçamento para projetos culturais, sendo que os patrocínios acima de R\$ 500 mil terão, pela primeira vez, que reservar 20% de vagas para projetos do subúrbio.



MATHEUS AFFONSO

Em Marcílio Dias a praça foi tomada por carros. Moradores utilizam o espaço para estacionar veículos, impedindo o uso

“Cada mergulho é um flash” completa duas décadas

Piscinão de Ramos ganha o mundo depois de virar cenário de clipe



MATHEUS AFFONSO

O Piscinão de Ramos é cartão postal do subúrbio do Rio de Janeiro e chegou a receber 40 mil pessoas nos fins de semana do verão antes da pandemia de covid-19

HÉLIO EUCLIDES

Domingo de sol, adivinha pra onde nós vamos. Aluguei um caminhão, vou levar a família na Praia de Ramos. Essa letra de Ivany Miranda, Oswaldo Melo e Afranio Melo, na voz de Dicró, fez com que muita gente conhecesse a Praia de Ramos. Com a poluição da Baía de Guanabara, a região ganhou um lago artificial (para felicidade do mareense) que lotava todo fim de semana. Em dezembro de 2001, o espaço de lazer na Maré foi batizado como Parque Ambiental Carlos Roberto de Oliveira Dicró. A arena que também levava o nome do cantor foi palco de inúmeros shows e artistas, mas infelizmente não existe mais. Entretanto, a Praia de Ramos volta a ficar sob os holofotes com a gravação do clipe da música *Girl From Rio*, da cantora Anitta – saiu da Maré para ganhar o mundo.

Como ponto de encontro da população mareense, a praia foi muito frequentada

até a década de 1970, mas por causa do despejo frequente de esgoto na baía, foi declarada imprópria para banho nos anos 1980, e assim permanece até hoje. Em abril de 2000, recebeu 80 mil pessoas num abraço que pedia a despoluição da Baía de Guanabara, algo que jamais aconteceu. De forma paliativa, foi construído o Piscinão de Ramos, em 2001, como palanque eleitoral do então governador do estado, Anthony Garotinho. Em agosto de 2007, a área de lazer passou a ser gerida pela Prefeitura do Rio. Com o passar dos anos e a falta de manutenção, a antiga lona cultural, chamada de Circo Voador, sofreu rasgos na cobertura e deterioração da estrutura e terminou sendo derrubada por falta de segurança.

Além da imensa piscina, a área tem ainda quadras de esportes e campos de grama sintética. O lago de água salgada mede mais de 26 mil metros quadrados e

é revestido por camadas de polietileno, sendo abastecido com 30 milhões de litros de água.

Esses grandes números chamam a atenção de turistas, cuja presença cresceu após a veiculação do clipe da Anitta. **Elviro Bueno** veio do Mato Grosso para conhecer a cidade e “desembarcou” no Piscinão. “É a primeira vez que venho aqui, achei muito bom. A imagem me remete a uma represa, só que de água salgada. Como uma bacia do

mar. Quero voltar outras vezes”, espera.

Mesmo após shows, reportagens e até novelas gravadas na Praia de Ramos, o clipe da **Anitta** é marco importante. “Passei muitos anos tentando entrar no Piscinão. Como a gente sabe, no Rio não é tão fácil. Demorou algum tempo para eu amadurecer essa ideia e entrar lá. E [lá] tem o humor, principalmente do subúrbio do Rio, de onde vêm as escolas de samba e onde tem figuras míticas que exem-



A cantora Anitta em seu clipe *Girl From Rio* cujo cenário foi o Piscinão de Ramos

plificam bem o lugar", disse a cantora ao jornal **Folha de São Paulo**.

O lugar é *point* no verão e no inverno. "Tenho a mesma idade do Piscinão, venho desde novinha, quando ainda dava para se afogar. Ficávamos perto dos guarda-vidas do Corpo dos Bombeiros. O diferencial daqui é que as águas não têm onda, são tranquilas e posso trazer a minha filhinha. Outra coisa boa é não ter assalto. Uma pena que não estava aqui no dia da visita da Anitta", conta **Júlia Gomes**, moradora da Penha. Ela só reclama que não há um preço padrão para as bebidas nas barraquinhas.

Para **Alexandra de Oliveira**, também da Penha, o ambiente do Piscinão precisa ser preservado. "Venho desde a inauguração. Adoro o local por ser família. Aqui não tem arrastão. O ruim é só para fazer xixi, pois é preciso procurar os quiosques. Só desejo que tenha chuveirão e banheiro, como no início", diz. O Piscinão é o mar no quintal de moradores, segundo **José Carlos**, dono do quiosque Mr. Batata. "Esse espaço é maravilhoso, não troco trabalhar aqui por outra praia. Só é preciso que frequentadores cuidem e que a Comlurb coloque mais caçambas. Outro ponto é a iluminação, que a noite é precária".

A história

Para os antigos moradores, tudo começou na década de 1930, com a Praia de Maria Angu. O local possuía um porto, por onde eram escoados os produtos agrícolas vindos das freguesias de Irajá, Inhaúma e até de Campo Grande para o restante da cidade. "Quando tinha sete anos vim morar aqui, próximo ao cais. Lembro que via os peixes nadando e também mariscos, além dos caranguejos que eu pegava. Tinha água limpa que vinha até onde hoje é o posto policial. Era o ponto turístico dos moradores da Baixada Fluminense", lembra **Ataliba da Conceição**, de 75 anos. Depois de aterros na década de 1960, o que restou da praia foi rebatizada de Ramos.

Bhega Silva foi uma das lideranças comunitárias que estava no abraço na Praia de Ramos, em 2000. Ele reclama que a piscina não substitui a praia. "Ninguém fala mais da Praia de Ramos, mas o coração do Piscinão é a água que vem dela. A praia se encontra esquecida, abandonada e poluída. Dizem que custa um dinheirão para despoluir, mas não se fala dos gastos no tratamento com muitos litros de cloro que

são jogados diariamente para manter a água cristalina". Sobre o Piscinão, o cantor diz que é necessária uma campanha para que as pessoas não façam suas necessidades nas águas, descartem o lixo no lugar certo e não levem cachorros para a areia.

O professor **Alexandre Pessoa**, pesquisador da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV/ Fiocruz), também enfatiza a importância da Praia de Ramos pelas suas atividades econômicas e a pesca. Ele defende a recuperação do espaço por meio de políticas públicas. "Isso significa o cuidado com a Baía de Guanabara, com a regularização do tronco coletor para levar o esgoto da Maré para a Estação de Tratamento de Esgoto de Alegria, no Caju. É imprescindível cuidar do patrimônio que as baías são; elas estão doentes, mas vivas. Temos que cobrar a execução do Programa de Despoluição da Baía de Guanabara".

Hoje, ao circular pela orla do espaço, é possível ver os banheiros públicos trancados por falta de manutenção. "Acredito que a população mereça o funcionamento adequado, com segurança, de banheiros, lavatórios e chuveiros que atendam a demanda. Isso evita que se façam necessidades nas águas. Outro ponto é informações sobre o monitoramento, como a qualidade da areia, em especial o pequeno espaço que separa a praia da piscina, e principalmente a da água, na entrada e saída", completa o pesquisador, que sugere parcerias com as universidades.

Como se encontra o Piscinão?

A **Fundação Rio-Águas** informou que o tratamento da água do Piscinão de Ramos é diário e realizado pela Estação de Tratamento de Água de Ramos. A qualidade é constantemente monitorada. A água está própria para o banho, conforme os critérios técnicos da Resolução CONAMA 274/2000 (que estabelece sistemáticas de avaliação da qualidade ambiental das águas).

A **Secretaria Municipal de Esportes e Lazer** declarou que, no momento, na Vila Olímpica da Praia de Ramos são oferecidas as seguintes atividades: hidroginástica, alongamento, ginástica localizada, futebol, handebol, vôlei, futsal e futebol baby.

A **Comlurb** garantiu que é realizada diariamente a limpeza no Piscinão de Ramos e arredores, com equipe de 28 garis na coleta de lixo domiciliar, remoção de lixo público, limpeza da faixa de areia, varrição e, mensalmente, a roçada mecanizada da vegetação. Segundo a empresa, o efetivo está reduzido em função da pandemia, mas foram disponibilizados 35 contêineres de 240 litros junto à areia para atender aos frequentadores. A Comlurb alega manter uma gerência de dedicação exclusiva ao local e já ter realizado ações de conscientização no período do verão, que deverão se repetir futuramente.

Procurada, a **Secretaria Municipal de Cultura** não se manifestou até o fechamento da edição.

MATHEUS AFFONSO



O lago de água salgada mede cerca de 26 mil metros quadrados e é abastecido com 30 milhões de litros de água

Uma universidade à deriva

UFRJ, próxima à Maré, pode suspender atividades em outubro



UFRJ/IDIVULGAÇÃO

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) enfrenta problemas em cortes de orçamento desde 2019

EDU CARVALHO

Não é a primeira vez nem será a última que você lerá sobre cortes de verbas das universidades públicas do país. Mas agora o estrago pode ser maior. Os recursos disponíveis em 2021 encolheram 37% nos últimos 11 anos, já corrigidos pela inflação. Houve um corte de 18,16% no orçamento de todas as 69 universidades federais, o que poderá afetar o andamento de mais de 70 mil pesquisas e o funcionamento das unidades de ensino, pesquisa e atendimento ao público.

Por conta dos orçamentos reduzidos de áreas essenciais como saúde e educação, reitores de 30 das 69 universidades públicas alertaram que não conseguiriam chegar ao fim do ano com verba suficiente para suprir os chamados gastos discricionários, que são as despesas correntes como água, luz, segurança, limpeza e manutenção de espaços e equipamentos, além da compra de insumos para pesquisas e o pagamento das bolsas para alunos de mestrado e doutorado.

Vizinha da Maré

Uma das instituições de ensino que pode suspender suas atividades é a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Com a maior parte de suas unidades instaladas na cidade uni-

versitária na Ilha do Fundão, vizinha à Maré, ela foi considerada mais uma vez a melhor instituição de ensino superior do país, segundo o ranking global QS World University Rankings 2022. A UFRJ não se resume às suas faculdades: estão sob sua direção o Hospital Universitário Clementino Fraga Filho/HUCFF (onde muitos mareenses são atendidos e tratados inclusive de covid-19) e outras nove unidades de saúde, além de um parque tecnológico, bibliotecas, laboratórios e museus – incluindo o Museu Nacional, a instituição científica mais antiga do Brasil, hoje em processo de reconstrução depois do incêndio que o destruiu em 2018.

“A situação é muito grave. Eles desbloquearam uma parte do orçamento, o que garantirá nosso funcionamento até setembro. Hoje nós temos verba para pagar luz, água, contrato de terceirizados e seguranças, o que é fundamental para a continuidade do funcionamento da universidade. Quando a gente pensa que o Ministério da Ciência e Tecnologia não está com orçamento para os laboratórios de pesquisa, a situação é ainda mais grave”, diz a reitora da UFRJ, **Denise Pires de Carvalho** em entrevista exclusiva ao Maré de Notícias.

Denise enfatiza que, mesmo com as atividades remotas na graduação e pós-graduação, a universidade só conseguiu economizar em suas contas 20% com a pandemia. O restante foi gasto com os laboratórios de pesquisa, que não puderam parar. “A UFRJ tem uma vacina prestes a entrar em testes clínicos, sem que tenhamos tido verba para isso. Olha como a universidade se reinventou. Ninguém estudava esse coronavírus, e hoje somos uma das instituições que mais registra avanços em pesquisas sobre o vírus no mundo. Isso tudo a gente faz, mas precisamos de recursos. Esses laboratórios gastam água, luz, precisam de investimento”.

A universidade montou uma estrutura para dar assistência aos alunos, permitindo a continuidade dos estudos e evitando a evasão. Um plano com auxílio emergencial foi traçado em 2020 para estudantes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, incluindo disponibilizar 12 mil chips com internet e verbas para dispositivos como celulares. “Esses alunos se dedicaram muito para conseguir uma vaga na UFRJ, e nós queremos que eles terminem o curso. O ensino superior causa mobilidade social, diminui a desigualdade”, avalia a reitora.

Para dar conta de funcionar com muito menos verba que o necessário, a Reitoria teve de remanejar os gastos para não causar o corte de bolsas, seja retirando o dinheiro dos contratos para limpeza ou diminuindo a frequência da manutenção dos jardins e canteiros. “A grama está sendo cortada com menos frequência e o mato está subindo um pouco mais – tudo isso para que





ANA MARINA COUTINHO

O Hospital Clementino Fraga Filho, gerido pela universidade, é referência para o atendimento dos mareenses

a gente possa garantir a continuidade dos alunos. Nossa equipe quer manter a assistência estudantil, pelo menos no patamar de 2020. Mais uma vez, são estudantes que estão de parabéns e a gente quer contribuir para que eles terminem seus estudos”, diz Denise.

Segundo ela, um alívio nas contas se dá através do repasse, para o HUCFF, de recursos via Ministério da Saúde, que desde o início da pandemia sustenta a contratação de pessoal. Denise revela que a verba resolve a questão da falta de pessoal (um dos grandes gargalos da universidade; o segundo está relacionado à compra de insumos).

Hoje, o HUCFF aumentou sua capacidade para quase 340 leitos por conta da pandemia, e a intenção é chegar a 400 leitos – a ampliação, porém, não está garantida. “Se o Ministério da Saúde deixar de pagar o pessoal (especificamente aqueles contratados por conta da covid-19), depois da pandemia teremos que fechar leitos pois não teremos verba para manter esses funcionários. Somos uma autarquia federal, não podemos ter contratos através de mais de um ministério. Para manter os leitos e esse pessoal, vamos precisar encontrar outra solução.”

UFRJ Cidadã

Em relação à despoluição da Baía de Guanabara, que de certa forma impacta a Maré, Denise se mostra otimista. Em 2020, deveria ter acontecido o lançamento do programa *UFRJ Cidadã*, com o envolvimento de toda a comunidade do entorno na limpeza da areia

e programas educativos para evitar o descarte de plásticos e materiais não recicláveis no mar. “Tudo isso estava previsto em uma ação do Fórum Ambiental da universidade, da Prefeitura Universitária e da Reitoria. Nós só conseguimos, de forma tímida, lançar junto à Associação de Pescadores o programa de limpeza do mar”, diz ela.

Há iniciativas aguardando o controle da pandemia para serem implementadas. “Meu sonho é que, até o término do mandato, a UFRJ possa ser um grande centro de conscientização sobre a importância do meio ambiente e de como nós, seres humanos, podemos impactá-lo o mínimo possível. Estou confiante de que essa pandemia vai passar. Sem dúvida, precisamos de todos da região, sobretudo os jovens, para conscientizarmos os seus filhos e as futuras gerações sobre a importância de reduzir lixo, reciclar e educar”.

Maré de Notícias e UFRJ juntas em podcast

A pandemia impactou de forma diferente as favelas e periferias no Brasil, e como jornal comunitário e periférico que é, o Maré de Notícias teve grande responsabilidade na divulgação de notícias que pudessem mitigar as enormes consequências sentidas em territórios periféricos.

Durante os primeiros seis meses de 2020, publicamos a Ronda Coronavírus no site, um espaço dedicado aos dados da covid-19 na Maré, na cidade e os seus impactos. Em novembro, ela se tornou semanal e virou a Ronda Maré

de Notícias, ampliada com assuntos culturais, econômicos, políticos e sociais. E agora, esse conteúdo pode ser ouvido, através de uma parceria com o Conexão UFRJ, que produz podcasts. “A ideia surgiu da necessidade de dialogar com a comunicação que é produzida fora da universidade. A UFRJ tem centenas de projetos de extensão na Maré e estamos próximos fisicamente, então começamos a buscar veículos estruturados e que fazem jornalismo que quisessem partilhar conosco sua rotina produtiva”, conta **Vanessa Almeida**, diretora de conteúdo da Coordenadoria de Comunicação da universidade.

Para Vanessa, é importante que o conhecimento produzido dentro da Academia chegue até a favela, possibilitando diálogos com quem faz parte de coletivos comunitários de comunicação. A universidade coloca-se como ator para construir novas pontes com outras entidades e instituições presentes na região e em todo o Rio. “Pode ser que nós, que temos acesso direto a várias fontes, tenhamos também algo a contribuir com o Maré de Notícias. O objetivo é que seja sempre uma via dupla de construção de conhecimento”.

Todos os episódios estão no site do Maré Online e também no Spotify.

Em parceria com a UFRJ, o Maré de Notícias lança podcast

A Maré é um celeiro de escritores

Autores mareenses mostram a força da favela em livros

HÉLIO EUCLIDES

Maria Carolina de Jesus, Ferréz, Sérgio Vaz, Rodrigo Ciríaco e Conceição Evaristo são alguns dos autores que sempre lutaram pelo reconhecimento da literatura da periferia como contribuinte importante para a cultura nacional. Eles inspiram novos escritores a reproduzir via literatura a voz da favela e suas vivências. Na Maré, escritores mostram a força do território mas, apesar dos avanços, eles ainda lutam para superar dificuldades, como problemas financeiros e a falta de espaço no mercado editorial.

“Esses escritores têm uma importância enorme pelo lugar a que pertencem”, defende o professor **Rodrigo Alexandre**, supervisor do Setor de Literatura Portuguesa da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Para ele, os escritores precisam que sua obra também seja absorvida fora da favela. “Acredito que é essencial existir a união de forças. Para isso, a universidade precisa acolher esses escritores; só assim ampliam-se as vozes. O grande problema é que o mercado editorial não abre as portas. É preciso entender que se existem livros de Carolina de Jesus e Conceição Evaristo não é porque essas empresas são boazinhas”, explica. Alexandre acredita que é preciso aprimorar os escritores, mostrar estraté-



ARQUIVO / BIBLIOTECA LIMA BARRETO

Crianças usuárias das bibliotecas Lima Barreto e Jorge Amado exibem os livros que escreveram em atividades nas salas de leitura

gias e ensinar técnicas por meio de oficinas — e esse trabalho precisa ser desenvolvido em cursos de extensão da universidade.

Uma das ferramentas de destaque para evidenciar a literatura periférica é a organização de eventos como o Congresso de Escritores da Periferia de São Paulo; a Festa Literária das Periferias (FLUPP), que acontece no Rio e já está na nona edição, com produção literária da geração de escritores favelados; e o Festival Favela Literária, cuja única edição ocorreu em 2019, também no Rio, organizado pela Central Única das Favelas (CUFA).

Segundo Alexandre, não se pode aceitar que uma criança saia da escola pública sem conseguir

ter plena compreensão do que lê. “É necessário reforçar a educação para mostrar os invisíveis e, assim, termos uma nova escola. A biblioteca não pode ser o lugar do castigo, ler um livro e escrever um resumo dele não deve ser uma punição. Hoje, se troca a leitura pelas redes sociais. Ela não pode ser apenas por interesse, tipo passar no ENEM. O momento por que o país passa também atinge os escritores. O Brasil ficou mais pobre de saber, por não ter investimento em educação. Há um ministério que deseja taxar livros, um governo que corta verbas para bolsas científicas. O país tem um governo que só deseja movimentar a economia, nunca o cérebro”.

A voz nas páginas de um livro

Para quem escreve, fica a dúvida: será que ficou bom? A desconfiança faz com que muitos escritores deixem as suas produções arquivadas.



Marcos Diniz começou na escrita ainda na infância. Ele sempre guardava tudo o que produzia, o que só mudou em 2016, quando participou do seu primeiro edital, incentivado por um amigo. “Comecei a entender que alguém

“tinha gostado do que escrevo. Vi que ser escritor não é só ser famoso e sim, o exercício da escrita”, conta. Ele já acumula 20 antologias e mais um livro publicado.

Para Diniz, escrever é o ato de criar mundos, histórias, personagens, de tocar outras pessoas. “Dejo escrever profissionalmente, o que é algo libertador. Sou um autor da Maré, incentivo o consumo de cultura da favela. A fala na favela se fortalece e nos faz conhecer o território”, relata.



Adriana Kairos, moradora do Parque União, tem seis livros escritos e criou o projeto *A Literatura dos Espaços Populares Agora* (Alepa), que estimula a produção poética e ficcional de autores oriundos de periferias. Ela reclama que o maior problema do autor periférico é a falta de recursos para a publicação de novos trabalhos. Para Adriana, a voz da periferia é necessária e precisa ser ouvida porque, durante muito tempo, outras vozes vinham de fora para dentro. “O que falta para que registros de memória e ficção de autores periféricos sejam escritos e publicados é uma política pública na área da educação e cultura”, avalia. Ela acredita que um incentivo seria a realização de eventos como saraus ou slams que, infelizmente, não são divulgados – muitos não são nem mesmo documentados.



Outro escritor mareense é **Matheus de Araújo**, morador do Rubens Vaz, que lançou em 2018 o livro *Maré Cheia*, numa edição

da Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP). De lá para cá, veio a pandemia e Matheus interrompeu a carreira de escritor pela necessidade de contribuir com a renda familiar. “Queria ter estabilidade financeira e psicológica, mas não somos escritores ricos que podem acordar cedo e ficar no quintal de casa ou na rede escrevendo num bloquinho de nota. Nós escrevemos quando estamos voltando para casa no ônibus, quando conseguimos sentar”, diz o autor, acrescentando que o retorno à atividade é um desafio, mas o momento é de paciência.



Desde que aprendeu a ler e escrever, **Vitor Felix** não largou mais os livros. “A minha escolha em ser um escritor começou no fim do Ensino Médio, num concurso de redações. Foi ali que descobri que a escrita podia ser levada a sério”, revela. Ele acredita que é desafiador ser autor em favela, pois isso vai na contramão do que a sociedade espera. “Quando eu escrevo, também marco a presença da favela nesse lugar da inteligência”, diz. Felix dá dicas para quem quer escrever, como correr atrás de espaço em revistas literárias, saraus e construir uma rede de leitores aos poucos. Ele ressalta, porém, que esse é um trabalho de resultados a serem colhidos no longo prazo.



Muitos escritores falam sobre o que presenciam no território. **Sara Alves**, moradora da Vila do João,

tem dois livros publicados e sabe que é preciso muita luta: pobres sempre escreveram, só não são valorizados. “Temos o excepcional exemplo de Carolina Maria de Jesus. Minha escrita é mais que terapia, é uma maneira de expor meu olhar, minha indignação, tristeza, lutas e direitos. Diante da complexa realidade em que vivo, com o contexto sociopolítico e econômico, a escrita foi surgindo como uma forma de desabafo”, conta a autora, enfatizando ser indispensável o incentivo à leitura e o direito à educação.

Iniciativas que incentivam novos escritores

O projeto *Livro Labirinto* nasceu em 2017, numa parceria entre a Caju Conteúdo e Projetos e a Redes da Maré. Uma das atividades realizadas é o clube de leitura da Biblioteca Lima Barreto, na Nova Holanda. Em tempos pandêmicos, as leituras coletivas têm acontecido de forma remota. No momento, as crianças estão lendo o livro *Amoras*, do cantor e compositor Emicida, enquanto os jovens iniciam o ciclo sobre *Torto Arado*, de Itamar Vieira Jr., e *Memórias da Plantação*, da artista e pensadora Grada Kilomba.

Outra iniciativa acontece no Espaço de Leitura Jorge Amado, que fica na Lona Cultural Municipal Herbert Vianna. São atividades literárias, como encontro com autores e rodas de conversas, onde as crianças são estimuladas a escrever e produzir suas próprias histórias. Em parceria com o projeto *Escritor Para o Futuro*, foi possível produzir livros, nos quais as crianças são protagonistas, escritores e ilustradores das histórias que elas mesmas criam. Os livros são *Maré de Alegria* e *Maré Herança Ancestral*. “Quando leio, aprendo coisas novas. Quero mostrar como é a Maré, falar das coisas boas, que muitas pessoas não veem”, diz **Marina de Souza**, de 10 anos, moradora da Nova Holanda.

Movimentos culturais LGBTQIA+ da Maré

Conheça as iniciativas que incentivam a produção por meio da diversidade na Maré

MATHEUS AFFONSO



O Eer é um projeto de ativismo LGBTQIA+ favelado, que realiza intervenções performáticas em pontos historicamente marcados pela LGbTFobia na Maré

DINHO COSTA E MATHEUS AFFONSO

No intuito de saber mais sobre a história mareense desses grupos, o coletivo **Entidade Maré**, criado pelos diretores teatrais e ativistas LGBTQIA+ Wallace Lino e Paulo Victor Lino fez um experimento a partir da pergunta “O que você sabe sobre os LGBTQIA+ da Maré?”. O questionamento expressa a falta de dados e de documentação sobre a trajetória comunidade população nos territórios.

O coletivo, em seu novo trabalho *Noite das Estrelas*, também traz à luz os emblemáticos shows protagonizados por travestis e transexuais mareenses nas décadas de 1980 e 1990. A proposta nasce das investigações e experiências de artistas negros LGBTQIA+ contemporâneos que identificaram a necessidade de construir a representatividade de corpos excluídos a partir da memória das performances, trazendo a perspectiva de inclusão desses artistas. “Os shows da “Noite das Estrelas” reúnem em si uma série de elementos de linguagem das artes cênicas e da memória sócio-cultural do Rio, mas faltam registros, e nosso coletivo apresenta o

projeto como ação reparatória para estas populações. No campo das pesquisas em torno das artes, experiências como a dos shows da “Noite das Estrelas” ainda não encontram espaços, é o sufocamento do epistemicídio nas instituições acadêmicas.” relata **Paulo Victor**, integrante do Coletivo Entidade.

O experimento terá como ápice um show virtual em agosto. Ele foi desenhado como uma produção de dispositivos performáticos, articulando múltiplas linguagens: música, dança, teatro, artes visuais e audiovisual, recriando assim a história dos shows no presente, resgatando uma memória cultural da Maré. Será a retomada do movimento LGBTQIA+ dentro das favelas da Maré. “Os shows nascem nas experiências de festas e convívios de LGBTQIA+, mas vão para as ruas na festa Junina da Rubens Vaz, conduzidas por Ney, que queria agradar suas amigas travestis que o ajudavam nas costuras das roupas de festa junina. Depois, Menga, que era pai de Santo ligada ao carnaval, cria a Noite das Estrelas. Com o sucesso de público, os shows passam a acontecer também, após

as finais de campeonatos de futebol, além de circular por outras comunidades de fora da Maré, dentre elas a Grota e Parada de Lucas. As artistas que se apresentavam nos shows ficaram também conhecidas na cena cultural LGBTQIA+ carioca passando a se apresentarem em boates, concursos de miss, beleza e do carnaval.” conta Wallace Lino, também integrante do Entidade.

Amar na favela

Num mundo homofóbico e machista, onde há perigo de morrer por manter relações homossexuais (Arábia Saudita, Irã, Iêmen, Sudão, Nigéria e Somália punem a homossexualidade com a pena de morte), ser uma pessoa LGBTQIA+ é lutar diariamente para estar vivo. No Brasil, não há oficialmente pena de morte, mas somos o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mun-

Acesse o **Experimento do Coletivo entidade**:

<https://entidademare.com/experimento>

Assista ao vídeo da **10ª Parada LGBTQIA+ da Maré** organizada pela ONG Coleção G em parceria com Matheus Affonso:

https://www.youtube.com/watch?v=9GOXW_ZPAEM



ARQUIVO / NOITE DAS ESTRELAS

O show Noite das Estrelas mostrou uma das primeiras performances LGBTQIA+ a acontecer na Maré

do. O direito de ser o que se é, sobretudo dentro de uma favela como a Maré, um território marcado pela negligência do Estado e o domínio de grupos civis armados, é revolucionário. Lutas como viver o casamento igualitário ainda são uma realidade para quem nasce na favela e assume uma união homoafetiva. Segundo o relatório divulgado pelo Grupo Gay da Bahia, 237 pessoas LGBTQIA+ tiveram morte violenta no Brasil, vítimas da homotransfobia, em 2020. Foram 224 homicídios e 13 suicídios. Isso equivale a 1 morte a cada 37 horas. Como pensar nesses crimes em territórios marcados por grupos de civis armados?

Matheus Affonso é bissexual, nascido e criado da Nova Holanda, uma das 16 favelas da Maré. Há 4 anos está em uma relação homoafetiva. “Eu e meu companheiro moramos juntos, mas não andamos de mãos dadas nas ruas, não nos beijamos dentro da Maré, e mesmo assim, as pessoas nos olham ou colocam o nome do wif de “EU SEI QUE VOCÊ É VIADO” na intensão de nos diminuir ou mostrar que

esse lugar não nos pertence. Mas nós vamos seguir nos amando, resistindo e lutando para que esse território um dia respeite nossos corpos e muitos outros LGBTQIA+ mareenses”, completa o fotógrafo.

Ativismo na favela

Ao longo dos anos, a luta tem se intensificado, protagonizada por pessoas e artistas LGBTQIA+s como **Gilmara Cunha**, que há anos cobra políticas públicas de acesso à cidadania para essa população. “Eu sou mulher trans, negra, favelada e militante e tenho esperança de que é possível que haja um equipamento do estado que se faça presente dentro de um território de favela, que pense política pública para a população LGBTQIA+”, diz.

Uma das grandes conquistas do coletivo que Gilmara dirige, o Grupo Conexão G de Cidadania LGBTQIA+ de Favelas, é a inauguração do Centro de Cidadania LGBTQIA+ que leva o seu nome neste mês, oferecendo serviços gratuitos de assistência psicológica, jurídica e social, além de cursos pro-

fissionalizantes de informática e corte & costura. “A criação desse centro de referência, tem um impacto muito maior na vida individual de cada indivíduo LGBTQIA+ que vive dentro do conjunto de favelas da Maré e de outras favelas do Brasil. Eu fico feliz em saber que um dia a cortina desse teatro fecha para mim, mas que de alguma forma, a minha luta, a minha causa, as minhas dores, tiveram um resultado e deixou legado, legado esse a construção do primeiro equipamento de políticas públicas voltado para a população LGBTQIA+ de favela dentro de um território de favela.”, completa Gilmara Cunha.

Na Maré, além do teatro e dos movimentos ativistas, a cultura LGBTQIA+ é muito presente nos cenários do vogue, do rap, das *drag queens*, da dança contemporânea, do funk, da fotografia, das artes plásticas, da literatura e da dança afro. Esses movimentos vêm sendo pensados como ferramentas

socioculturais, criando novas formas de ativismo no território.

O artista plástico **Jean Carlos Azuos** é curador de um dos espaços de disseminação de arte e cultura na Maré. “Arte para mim é o lugar do respiro, o lugar da possibilidade, de poder narrar, imaginar, materializar coisas da ordem do campo físico. Ao mesmo tempo que toca os outros sentidos, a arte para mim está sempre implicada com a vida e de como ela se organiza. É por isso que eu posso vê-la em vários lugares e pessoas; a arte é essa coisa que se multiplica, se estende e se desdobra”, afirma o artista.

A Maré exporta nomes para o Rio e todo o país, sobretudo na área cultural. Estar à frente da luta por direitos é revolucionário, mesmo que, a passos lentos, o movimento cultural LGBTQIA+ mareense venha quebrando barreiras e transformando a Maré em um território livre de preconceitos.



ARQUIVO / NOITE DAS ESTRELAS

O coletivo Entidades da Maré mantém um arquivo com a memória da comunidade LGBTQIA+ na Maré

Delícias que cabem no bolso

Nesse mês de julho, a receita da Casa das Mulheres é o dadinho de tapioca. O quitute, que é genuinamente brasileiro, foi criado em 2004 pelo chef pernambucano radicado em São Paulo Rodrigo Oliveira. A ideia do formato veio da necessidade de aproveitar bem a massa que, por ser muito delicada, logo perdia o ponto. Então, em vez de fazer um bolinho, o chef inventou o formato quadrado, pois assim a massa é manuseada mais rapidamente e não perde o seu frescor. O dadinho pode ser servido com melado de cana ou molho agridoce, de pimenta, de tomate ou qualquer outro ao seu gosto.

DADINHO DE TAPIOCA

INGREDIENTES:

- 3 xícaras (250 gramas) de tapioca granulada
- 3 xícaras (250 gramas) de queijo coalho ralado
- 2 copos (500 ml) de leite fervido
- 2 copos de óleo para a fritura sal e pimenta a gosto.

MODO DE PREPARO:

Separe todos os ingredientes já medidos. Ferva o leite e reserve. Em uma tigela, coloque a tapioca, o queijo coalho ralado e o sal. Acrescente o leite fervido aos poucos e vá misturando com o auxílio de um garfo. Transfira a massa para um pirex de vidro, (deixe amornar se estiver muito quente) e leve à geladeira por mais ou menos 2h. Depois desse tempo, com a ajuda de uma faca, corte a massa em quadradinhos. Frite-os em óleo quente (mantido em fogo baixo) até que estejam dourados.



CAÇA-PALAVRA

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Procure e marque, no diagrama de letras, as palavras em destaque no texto.

Cocada cremosa

Ingredientes:

- 1 ½ lata de leite **CONDENSADO**
- ½ xícara (chá) de **ÁGUA**
- 400 ml de leite de **COCHO**
- 5 xícaras (chá) de coco **RALADO** em flocos
- 1 xícara (chá) de **AÇÚCAR**
- 1 colher (chá) de **CRAVO**
- 3 **CANELAS** em pau



Modo de preparo:

Em uma panela de **PRESSÃO** de 7 litros, adicione todos os ingredientes e misture. Tampe e leve ao **FOGO** até começar a chiar. Diminua a chama e cozinhe por mais três minutos. Deixe a pressão sair, abra a **PANELA** e coloque o **DOCE** em um **POTE** com **TAMPA** na **GELADEIRA**. Se preferir, pode usar a **CO-CADA** para **RECHEIO** de **BOLOS** e **PAVÊS**.

T H F R F N N S R C S A L E N A C H M N R
 G A D A C O C G N C T R B B D T T O D N N
 R R L R Y I F C B A Ç U C A R N C F O G O
 I R F B G E T P R L Y R T T R R L T D N F
 L Y F O D H T R F G E L A D E I R A L N F
 F E B L T C G E F Y B R T T N Y G Y O L A
 S E N O T E R S E Y T D N P C L C C G C T
 E N C S T R C S N T A M P A L E O N G A A
 V D T R T S D ã L T R Y L N L C B T Y G T
 A N N R R N D O N B F N C E C N E L L U T
 P O T E D N B L B Y D A L L N F F N T A L
 B L H F T F N E Y N N R B A Y T D E G D R
 L O D A S N E D N O C D T N N R R T C L N
 C O C C F N R L D T T Y T L G N F T N O T
 L H B F C R A V O D T O D A L A R S T Y D

20

Foto Gabriela Lino/Conexão Saúde

TESTE GRÁTIS DE CORONAVÍRUS!

Novos locais, confira a agenda:

<p>Segundas Marcílio Dias Associação de Moradores Av. Lobo Júnior, 83 Das 7 às 13 horas</p>	<p>Quartas Morro do Timbau Clínica da Família Augusto Boal Av. Guilherme Maxwell, 901 Das 7 às 13 horas</p>
<p>Terças e Quintas Vila do Pinheiro Clínica da Família Adib Jatene. Av. Bento Ribeiro Dantas, s/nº Das 7 às 13 horas</p>	<p>6ª feira Praia de Ramos Centro Municipal de Saúde Américo Veloso Rua Gerson Ferreira, 100 Das 7 às 13 horas</p>
<p>2ª a 6ª feira - Parque Maré Galpão Ritma - Rua Teixeira Ribeiro, 521 Das 9 às 16 horas</p>	

Leve documento original com foto e, se possível, aparelho celular. Você pode fazer o teste mesmo não apresentando sintomas. Testagem só para pessoas a partir de 12 anos.

(21) 99924-6462
 (mensagem para Redes da Maré)

Realização



Apoio



COLEÇÃO MISTÉRIO & SUSPENSE
 CLÁSSICOS DE ARREPIAR
JÁ À VENDA!

Solução

Acompanhe o Maré de Notícias na internet!

@maredenoticiasoficial	@maredenoticias
@MareNoticias	(21) 97271-9410
contato@maredenoticias.com.br	www.mareonline.com.br